
PROGRESSO E DESTRUIÇÃO

RIVAIL CARVALHO ROLIM*

RESUMO: Este artigo trata do impacto provocado pelo processo ocupação dos *espaços vazios* do norte do Paraná e suas relações com a modernidade.

UNITERMOS: modernidade, norte do Paraná, progresso, colonização.

Inserindo-se dentro de uma ampla estratégia de ocupação dos chamados *espaços vazios* vastas extensões de terras foram comercializadas na região norte do Paraná. A Cia. Colonizadora Norte do Paraná foi a empresa que, dentre outras, mais se destacou no empreendimento pelo fato de ter comercializado a maior quantidade das terras.

O objetivo principal da Cia. para realização de seus lucros imobiliários era a comercialização dos lotes, paralelamente os núcleos urbanos deveriam ser formados para o sucesso do projeto colonizador. Para alcançar esse objetivo foi elaborado um plano diretor estabelecendo as seguintes diretrizes;

"As cidades destinadas a se tornarem núcleos econômicos de maior importância seriam demarcadas de cem em cem quilômetros, aproximadamente. Entre estas, distanciadas de 10 a 15 quilômetros um do outro, seriam fundados os patrimônios, centro comerciais e abastecedores intermediários"(apud TOMAZI, 1989:49).

Pierre Mombeig procurou indicar o papel que os núcleos urbanos desempenhariam nas áreas colonizadas:

"O pioneiro moderno não está isolado; faz parte de um grupo e não saberia viver e muito menos prosperar afastado desse grupo, tanto por motivos econômicos como sociais. A proximidade de uma cidade é uma condição necessária para

* - Professor de História da Rede Pública Estadual do Paraná - Professor colaborador do Departamento de História - Universidade Estadual de Londrina - Campus Universitário - Londrina - PR - 86051-970.

que o futuro pioneiro se decida a comprar um sítio; uma estrada transitável por caminhão liga seu lote a um centro comercial, e, contando que a distância não seja muito grande, o sitiante poderá facilmente encontrar comprador para suas colheitas"(apud TOMAZI, 1989:116).

É possível portanto, perceber que, para a consecução do denominado plano moderno de colonização, os núcleos urbanos eram fundamentais, na medida que destinavam-se a concentrar as atividades econômicas e sociais. Dando encaminhamento ao plano, inúmeras cidades são formadas para desempenharem funções estratégicas no empreendimento. Em outros termos, a cidade "*surge dentro de uma determinada lógica para o capital que parte do planejamento antecipado das condições de produção*"(RAZENSTE, 237).

Nesse processo Londrina ao ser formada para servir de sede da área colonizada pela Cia de Terras, torna-se um núcleo urbano que concentra diversas atividades do empreendimento capitalista. Por ser o ponto maior de investida na procura de terras, várias obras de infra-estrutura foram sendo executadas, na medida que era necessário tornar-se um marco para a irradiação da obra colonizadora.

Assim é construído uma pista para o pouso de aviões, estação rodoviária, instalada uma agência de Correio e Telégrafos, além de vários estabelecimentos comerciais. Para enfrentar a questão do isolamento e facilitar a circulação de bens de consumo, da produção e também de homens foi concluído o ramal ferroviário, que estava estacionado em Cambará. Isso se concretiza em 1935, quando os trilhos da ferrovia vencem o Rio Tibagi, passam por Iporã e chegam a Londrina.

Para FOOT HARDMAN(1988: 15), a ferrovia sendo o "*espetáculo privilegiado da civilização capitalista na selva*", a partir de sua chegada "*permite que a forma fetiche de mercadorias seja liberada para encantar, na medida que encontra condições adequadas para sua circulação*". A rigor, os espaços que vão sendo açambarcados são dotados de vários equipamentos para rapidamente estruturar e adaptar-se ao ritmo do sistema capitalista.

Procurando atender as demandas do capital e criar as condições necessárias para dar continuidade ao empreendimento, interligada à ferrovia foi estabelecido uma malha viária com estradas vicinais e coletoras. Com isso, criava-se um espaço recortado por estradas que permitiam o pleno funcionamento do setor produtivo, na medida que o agricultor tinha facilidades em enviar sua produção às cidades.

Nesta dinâmica da modernidade destaca-se as inúmeras fotografias tiradas do trem passando pelo rio Tibagi e também da inauguração da estação ferroviária em Londrina. Segundo FOOT HARDMAN(1988: 182/183);

"Por todos os cantos do planeta, durante o apogeu da era ferroviária, o momento oficial da primeira viagem é marco inigualável da projeção do teatro vivo do mecanismo em que a locomotiva é sempre ator principal, a estação a linha, os cenários reluzentes e a massa que dos que assistem a partida e a chegada, espectadores atônitos da modernidade"

Vale ressaltar ainda, que esses momentos são registrados com muita ênfase justamente com o intuito de demarcar o rompimento, estabelecer uma dicotomia com um mundo, que está *"aquém da temporalidade histórica e da razão iluminista, imerso na força bruta dos elementos e nos sonhos indecifráveis das raças esquitas"*(FOOT HARDMAN, 1988: 100). Nestas representações procura-se nomear esses espaços como se fossem

"um outro mundo, onde as fronteiras entre o finito e o infinito, ordinário e insólito, claro e escuro, pequeno e grande, habitação e deserto, conhecido e desconhecido, homens e vultos, objetos e fantasmagorias aparecem tênues e perigosamente ambíguas"(IDEM, 107).

Realmente as áreas que estavam sendo ocupadas para a produção de mercadorias e acumulação de riquezas eram habitadas por inúmeros agentes sociais como índios, caboclos, sertanejos, posseiros etc.

Lúcio T. Mota que realizou estudos sobre comunidades indígenas no Paraná, afirma que na década de 30 havia inúmeros índios vivendo nas matas do norte do Estado e Levi Strauss, referindo-se ao norte do Estado, afirma que *"tinha se conservado praticamente virgem até a década de 30, principalmente se exceptuarmos os bandos de índios que ainda por lá vagueavam"*(apud MOTA, 1994: 88).

Todavia, com o avanço das fazendas de café no final do Século XIX, os indígenas foram sendo sistematicamente dizimados, na medida que suas terras foram sendo invadidas. Isso se acentuou nas décadas seguintes, devido a rápida comercialização de vastas extensões de terras, bem como a efetiva ocupação.

Já no período do Estado Novo, em virtude do avanço desenfreado sobre as reservas indígenas, se reduz as áreas das comunidades, com o pretexto de incrementar o desenvolvimento da região Sul. Nas palavras de TOMAZINO(1992: 79)

"O indígena passa a ser considerado um entrave ao desenvolvimento do país e suas terras passam a ser usurpadas, legal ou ilegalmente.

Com a invasão constante das terras dos indígenas, é celebrado um acordo entre o Estado e a União no final dos anos 40, reduzindo drasticamente essas áreas. Para ficarmos apenas num exemplo, o posto indígena de Apucarana teve sua área reduzida de 50.000 para somente 6.300 ha (TOMAZINO, 1992:80).

Embora não haja trabalhos fazendo uma abordagem mais pormenorizada sobre outros grupos sociais, é possível afirmar que esse processo de extermínio também se estendeu a outros agentes. Parece-me que diante do perecimento de diversificados agente sociais, onde se trilha com tenacidade a lógica da extinção, o setentrão paranaense adentra o *"ritmo frenético que o capitalismo impõe a todas as facetas da vida moderna"*(BERMAN, 1993:90).

Procurando dar ênfase a cadência da modernidade, já no início dos anos 30, jornais noticiam que a *civilização* e o *progresso* vão deixando suas marcas no norte do Paraná. E ao adentrar neste ambiente pautado pela rápida transformação, pelo rápido crescimento, cria-se um universo de representações, colocando que a *"história não é transformação e criação, mas explicitação de algo que vai apenas crescendo com o correr do tempo"*(CHAUI,1990:29).

Nestas representações é como se fosse um movimento irrefreável e sobretudo perene. É enfatizado que esse movimento seguindo uma ação ordenada e, na conjuntura dos anos 30, os *princípios da racionalidade*, o *"homen civilizado vem estendendo pontes, construindo estradas, derrubando a mataria milenária e erguendo cidades"*(JORNAL PARANÁ NORTE 18/10/34).

Para mensurarmos esse movimento, a cidade de Londrina tendo sido fundada em 1932 é elevada a categoria de município em 1934 e a comarca em 1938. O jornal Paraná Norte que acompanhou *pari passu* a formação e desenvolvimento de Londrina em notícia de 09/10/34, registra que no local destinado a erguer a cidade não havia uma única habitação, mas

"Em 1931, erguiam-se sete casas. Em 1932, a cidadezinha começou a desenvolver-se: possuía 12 casas, sendo a mais importante, a do Hotel Luxemburgo. Isso até junho. Em dezembro, o número de habitações subiu a 150. Em 1933 passou a 400 para atingir 554 em Outubro de 1934".

Se atentarmos para essa vinda intensa dos colonos e a rápida ocupação das terras, as palavras de FOOT HARDMAN (1988: 27) são bastante pertinentes quando diz que a *instabilidade passa a ser a marca permanente e idenficadora da vida dos homens*", na medida que se insere numa *"espécie de nomadismo civilizado correndo atrás de oásis fugazes"*.

Já BERMAN (1993: 91) afirma que isso segue uma lógica, em que

"os enormes movimentos de pessoas - para cidades, para fronteiras, para novas terras - que a burguesia algumas vezes inspirou, algumas vezes forçou com brutalidade, algumas vezes subsidiou(...) sempre explorou em seu proveito"

Portanto, em nome da civilização e do progresso um novo ambiente vai sendo formado, mas nesta transmutação é possível visualizar o rastro de destruição sendo aberto de forma contumaz.

Através do livro de Vicente Barroso - *O Famoso Norte do Paraná : terra onde se anda sobre dinheiro* - escrito na década de 50 é possível dimensionar a extensão das áreas que foram rapidamente devastadas, devido a voracidade da próprio capital, bem como dos compradores dos lotes em busca do lucro.

Embora as palavras de Barroso fossem com a intenção de ressaltar a colonização e enaltecer a ação da Cia Colonizadora , mas também deslumbrar-se com a *civilização* e o *progresso*, numa leitura mais atenta de sua obra é possível visualizar uma outra dimensão desse processo. A de que a floresta ia sendo destruída na medida que se via *"fileiras de caminhões o dia inteiro, pelas estradas a transportar cada "baita" de toras de ipê, peroba, canela, jacarandá, embuia, pinho, aroeira, cedro etc, rumo as serrarias, às estações ferroviárias ou rumo ao porto de Paranaguá"*(BARROSO, 1956: 73).

Com relação ao caráter predatório do processo efetivo de ocupação das terras e sua intensa utilização, o próprio Superintendente da Cia de Terras Norte do Paraná, Aristides Melo admite já no final dos anos 40 que, as reservas florestais do Estado

reduziam-se rapidamente, nisso "criando clareiras cada vez maiores e desertos infundáveis em todo o território pátrio" (A PIONEIRA Set/Out - 1949).

Procurando minimizar a prática predatória da Cia de Terras, Melo diz que

"numa compreensiva interpretação do problema (a Cia) vinha e vem incluindo nos seus contratos de compromisso de compra e venda a cláusula benéfica, que mandava reservar 10% da área de mato, para não derrubar" (Idem).

No entanto, o Código Florestal de 1934, elaborado seguindo os princípios da racionalidade, exigia a preservação de no mínimo 25% da mata.

Continuando a expor, Melo destaca ainda que o proprietário depois da posse da escritura derrubava o mato a vontade, com o intuito de capitalizar-se e pagar a terra, mas também enriquecer-se. Ou seja, é possível afirmar que o pioneiro ávido pelo lucro, tanto com o comércio da madeira, quanto no uso do solo para a prática da cultura agrícola, usava itensamente seus instrumentos, como machado, o fogo, o arado, a enxada e também as queimadas e destruía as matas que cobriam esta região.

Embora o próprio membro da Cia, apontasse para o impacto ambiental causado com a intensa ocupação das terras, vamos prestar atenção as referências que alguns estudos fizeram do empreendimento. NAKAGAWARA (1972: 37), geógrafa, referindo-se ao processo de colonização, comenta:

"Obra notável de pioneirismo foi realizada pela Cia Melhoramentos Norte do Paraná (C.M.N.P), sem precedentes na história da colonização do Paraná. A característica ímpar emprestando à colonização o espírito empreendedor (...)explicam a evolução do desenvolvimento, fenômeno, até então desconhecido no Brasil em terras pioneiras".

BERNARDES(1952: 449), também geógrafo, parece ratificar a afirmação da autora citada anteriormente. Para este autor, "... nas terras da C.T.N.P, a expansão se fez com todo o vigor, processando-se até os dias atuais com uma intensidade e fastígio econômico impressionante"

Acredito que Nakagawara e Bernardes quando fizeram essas análises só visualizaram a capacidade que a burguesia tem de transformar os espaços que vão sendo

incorporados ao seu universo de ação, bem como a competência de revolucionar todos os modos de vida pessoal e social.

Entretanto, é necessário ressaltar que essa mesma burguesia se constitui na "classe dominante mais violentamente destruidora de toda a história", e poderia transformar "o mundo em frangalhos, se isso pagasse bem" (BERMAN, 1993:98). Parece-me que o empreendimento do setentrião paranaense foi realmente bem remunerado, pois os capitalistas, dentre eles Lord Lovat, ficaram deslumbrados com o empreendimento devido a rápida valorização dos lotes, proporcionando um retorno de 1000%, enquanto na Inglaterra os bons negócios se faziam na base de 5% ao ano.

Eric Hobsbawn fez reflexões importantíssimas sobre isto. Para este autor:

"Tais homens pensavam em termos de continentes e oceanos. Para eles o mundo era uma única coisa, interligado por trilhos de ferros e máquina a vapor, pois seus horizontes comerciais eram como seus sonhos sobre o mundo. Para tais homens, destino, história e lucro eram uma e a mesma coisa"(Apud FOOT HARDMAN, 1988: 120).

Ainda segundo Hobsbawn, esses homens tinham também

"atração irresistível para viagens distantes e enriquecimento fácil, capacidade administrativa ímpar no ramo das construções ferroviárias, somada a um militarismo ávido em expandir fronteiras, em domesticar índios, em firmar as marcas da civilização baseada no valor da troca pelos quadrantes do planeta"(Apud FOOT HARDMAN, 1988: 120).

No entanto, isso ficou relegado por aqueles autores, talvez porque ao vislumbrar o movimento da modernidade não tivessem percebido que sua dinâmica está impregnada do seu contrário - o aspecto destruidor.

Esse aspecto fica evidente, por exemplo, quando o governo procurando ocupar os chamados *espaços vazios* e fazer a modernidade chegar ao sertão "*taxou as terras cobertas de matas de forma muito mais elevada do que as pastagens e campos naturais*"(REVISTA A PIONEIRA SET/OUT - 1949). Podendo-se inferir que, tendo uma prática política de

ocupar rapidamente essas áreas para produzir mercadorias, forçava-se os colonos a derrubarem o mato logo que compravam os lotes de terras.

Quanto a isso, volto a recorrer as reflexões de BERMAN(1993:18), que são bastante concernentes ao afirmar que o capitalismo ao estabelecer "*um mercado mundial que a tudo abarca*" é "*capaz de um estarrecedor desperdício e devastação*". Alguns trabalhos tem procurado indicar os impactos causados com o avanço da modernidade nos chamados *espaços vazios*.

Nas palavras do geógrafo Reinhard Maack, do início dos anos 60,

"Quem diria naqueles tempos que as matas pluviais virgens desapareceriam tão rapidamente e em tal extensão? Já ao se organizar as primeiras fazendas, sítios e chácaras chamei a atenção sobre as consequências de uma desmatação irrefreada (...) a reserva florestal mínima exigida de 15 a 20% somente foi mantida em poucas propriedades. As consequências se manifestam numa assustadora extensão" (apud MOTA, 1994: 12).

Num trabalho realizado na década de 50, por uma geógrafa, aparece indicações acerca dos impactos ambientais provocados com o processo de colonização. Vejamos como a autora coloca isso em evidência:

"a enorme extensão original de florestas do Norte do Paraná está hoje bastante reduzida, implacavelmente devastada (...) Na retaguarda pioneira há somente remanescentes danos e na vanguarda a derrubada progride, abrindo claro cada vez maiores" (MULLER, 1956:63).

E num tom de alerta, conclui:

"Levando em conta a rapidez com que vem se processando a ocupação da região, pode-se prever o desaparecimento das atuais reservas em futuro muito próximo"

Quanto a isso é importante frisar as colocações de FOOT HARDMAN(1988) de que a cadência da modernidade industrial e suas relações técnicas com a paisagem marca, visualmente, com violência, qualquer espaço. Com esta prática, em lugar das

matas formaram-se os cafezais, além de outros tipos de cultura agrícola. Nisso em pouco mais de 20 anos as terras incultas correspondiam em torno de 10% das propriedades.

Seguindo o raciocínio de M. Berman, faz-se necessário frisar que as rápidas mudanças ocorridas nas regiões que adentraram a órbita do sistema capitalista, mostra que os burgueses como classe dominante "*provaram que é possível através da ação organizada e concertada realmente mudar o mundo*"(1993:92). Nem que para isso tenham que se criar as condições de forma arrebatadora e com veemência.

Portanto é necessário frisar que o espaço do norte do Paraná é totalmente modificado para tornar-se um ambiente adequado para produzir mercadorias e gerar riquezas. Para que isso se concretizasse os empreendedores, causaram profundos impactos ambientais e sociais.

BIBLIOGRAFIA

1. ADUM, Sonia M. S. Lopes. *Imagens do progresso: civilização e barbárie em Londrina - 1930/1960*. Assis :Unesp(Dissertação mestrado), 1991.
2. BARROSO, Vicente. *O Famoso Norte do Paraná: terra onde se anda sobre dinheiro*. Caxias do Sul: Editora São Miguel, 1956.
3. BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
4. BERNARDES, Nilo. *Expansão do povoamento no Estado do Paraná*. In: *Revista Brasileira de Geografia* Ano XIV, nº 4, R.J., 1952.
5. CANCIAN, Nadir. *Cafeicultura paranaense - 1900/1970*. Curitiba: Grafipar, 1981.
6. CHAUI, Marilena. *Cultura e democracia*. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 1990.
7. FOOT HARDMAN, Francisco. *Trem fantasma: a modernidade na selva*. São Paulo: Cia das Letras, 1988.
8. MOTA, Lúcio Tadeu. *As guerras dos índios Kaingang: a história épica dos índios Kaingang no Paraná (1769-1924)*. Maringá: Eduem, 1994.
9. MULLER, Nicoq. *Contribuição ao estudo do Norte do Paraná*. In: *Boletim Paulista de Geografia* nr. 22, Março de 1956.
10. NAKAGAWARA, Yoshia. *As funções regionais de Londrina e sua área de influência*. São Paulo: USP (Tese de doutorado), 1972.

11. RAZENTE, Nestor. *Ocupação do espaço urbano de Londrina*. Recife: UFPE (Dissertação de mestrado), s/d.
12. TOMAZI, Nelson Dacio. *Certeza de lucro e direito de propriedade*. Assis: UNESP (Dissertação de mestrado), 1989.
13. TOMAZINO, Kimiye. Os movimentos sociais indígenas no Norte do Paraná. In: *Boletim do CCH*. nº 22, Londrina: UEL, Janeiro/Junho 1992.